

Poesia barroca e outras (in)utilidades em manuscritos dos sécs. XVII-XVIII do Arquivo Distrital de Braga¹

Anabela Leal de Barros*

Grande parte dos muito abundantes manuscritos portugueses com poesia barroca, maioritariamente apógrafos e trasladados nos séculos XVII-XVIII, acha-se no século XXI ainda inexplorada, desconhecida e inédita. No melhor dos casos, têm-se publicado, de cada um dos volumosos códices, composições soltas predominantemente editadas por testemunhos únicos, sem atender à variação oferecida por numerosos testemunhos de outras fontes, ainda por recensear e avaliar criticamente¹. Esses manuscritos podem enquadrar-se em várias categorias:

1. Cancioneiros de mão, ou seja, códices previamente constituídos nos quais os apreciadores de poesia – autores eles mesmos, em muitos casos; clérigos e aristocratas que assim constituíam as suas ricas bibliotecas, trasladando

* Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, e investigadora do Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM).

pessoalmente cada composição poética que ia circulando em papéis manuscritos, emprestados pelos autores e por outros colecionadores ou copistas, e ainda registando poesias de memória e de ouvido (os famosos repentes ou poesias criadas e recitadas a qualquer instante), ou encomendando volumes com todas as obras do seu agrado, essencialmente poéticas (e daí o nome de *cancioneiro*), mas também em prosa, literárias e não literárias, separadas por géneros e subgéneros ou amplamente mescladas e entremeadas de toda a sorte de escritos de interesse: adivinhas, ditos curiosos, epitáfios, exorcismos, mezinhas, receitas de cozinha, informações de almanaque, segredos vários, etc. Estes códices, habitualmente bastante volumosos, podendo atingir os quatrocentos a quinhentos fólios, não se prestam à publicação porque, por um lado, o seu conteúdo é demasiado variegado, não correspondendo unicamente aos interesses do editor e do leitor de poesia, ou do investigador de factos históricos, ou de material religioso e filosófico em prosa, sendo predominantemente *cancioneiros* multi-autorais, com poesia de autores muito variados, na maioria dos casos desarrumadamente alinhada em vários pontos dos volumes; por outro lado, porque cada um desses *cancioneiros* constitui apenas uma das muitas dezenas de fontes de uma mesma composição poética, ou em prosa, cuja forma e conteúdo exactos somente o conjunto dos seus testemunhos poderá ajudar a definir, por meio de árduo trabalho filológico, o que desaconselha a publicação isolada mesmo dos *cancioneiros* mono-autorais e dos multi-autorais mais bem arrumados. Assim, a publicação integral de tão numerosos, volumosos e quase sempre densos códices torna-se, na maioria dos casos, e diante dos consideráveis custos que envolveria, pouco exequível, embora continue a ser muito recomendável, e até urgente, o estudo e edição *cirúrgicos* do seu conteúdo.

2. Outros códices para registo de temas de interesse, curiosidades e utilidades quotidianas – ou seja, essencialmente volumes previamente constituídos nos quais se registaram obras em prosa ou não literárias, como textos epistolares, de história, filosofia, teologia, etc., mas entre os quais, ou mesmo no interior dos quais, figura não raramente alguma poesia.
3. Miscelâneas, isto é, papéis vários, de conteúdos e proveniências diversos, que foram posteriormente cosidos e encadernados juntos. Frequentemente

observam-se nelas fólhos organizados e cosidos distraidamente na ordem errada (havendo ou não numeração orientadora) ou com o verso voltado para o lado do rosto. Se os fólhos cosidos com o texto invertido ou orientado lateralmente não oferecem problemas editoriais e de leitura, os que inter-cambiam rosto e verso são muitas vezes responsáveis por outras cópias manuscritas (testemunhos trasladados), e por edições, deturpadoras dos textos poéticos afectados, que então surgem truncados ou com as estrofes em ordem diferente da original. Acham-se frequentemente nas miscelâneas papéis que se produziram e enviaram originalmente na forma de cartas, dobrados e lacrados, os quais podem ser o original, ou um dos originais, do texto ou textos que encerram, o que torna a pesquisa em miscelâneas, apesar de muito penosa, também eventualmente muito frutífera.

4. Papéis soltos, ou aquilo que um leigo entenderia mais facilmente por *manuscrito*: um simples papel ou um pequeno caderno, cosido ou de fólhos soltos, apenas dobrados ou cortados. É a existência destes papéis que leva muitos académicos de outras áreas alheias à filologia a considerar equivocadamente o trabalho do filólogo como algo tão simples como coleccionar, ler e editar centenas de manuscritos que corresponderiam a umas centenas de páginas, e não aos muitos milhares a que correspondem habitualmente. Se estes papéis soltos podem revelar-se valiosos por serem susceptíveis de constituir o original do texto – muitas vezes emprestado, enviado ou oferecido pelo autor, outras vezes tendo-se perdido até surgir algures num arquivo ou biblioteca –, também é verdade que a sua simplicidade acarretou em demasiados casos, por um lado, o seu extravio definitivo e fácil, e, por outro lado, a sua não catalogação individual, o que os tem tornado, até ao século XXI, extremamente difíceis de achar. Ou seja, está fácil de ver que para encontrar um papel solto de especial interesse o investigador terá de percorrer por sua conta e risco numerosas caixas ou pastas de papéis não inventariados das mais diversas naturezas. No exíguo tempo de abertura da maioria das bibliotecas, controlar de forma segura o conteúdo de uma caixa de papéis soltos, logo seguida por mais duzentas, já é trabalho para uma vida. Entretanto, de entre os papéis por longo tempo intocados, não poucos se desfarão em flocos ao primeiro toque; outros manuscritos em suporte físico mais resistente, especialmente os pergaminhos, resistem à avidez de quaisquer dedos, contudo, a cada novo golpe de luz a tinta vai-se

inexoravelmente desvanecendo ou já se desvaneceu, pelo que o árduo trabalho filológico estará sempre garantido.

Os séculos XVII e XVIII constituem o final de uma época na qual os autores prezavam mais a via de transmissão manuscrita do que a impressa, por ser flexível, disponível, isenta de prazos e de censura, ao contrário desta última; quer manuscritos quer impressos chegavam, aliás, praticamente ao mesmo público leitor, restrito, com a vantagem de que, pela via de transmissão manuscrita, eram os próprios apreciadores ou colecionadores de poesia e prosa a adquirir e constituir os seus códices, trasladando papéis e volumes habitualmente de proveniência vária para constituir os seus *jardins*, *viridários*, *florestas*, *silvas*, *ramalhetes* e *fascículos* de flores poéticas. Os títulos de alguns desses volumes revelam uma sintomática aproximação jocosa ao impresso, indicando burlescamente locais de edição, casas editoras, espirituosas licenças (parodiando as de impressão) e mesmo entidades que chocarreiramente representam as temíveis instâncias para aprovação de livros a imprimir, em rasgos de imitação paródica que bem evidenciam, por contraste, a liberdade criativa dos autores, fora do alcance cerceador da Real Mesa Censória e do Censor do Paço²:

- *Flores do Parnaso semeadas Por mui diversos Autores, regadas Com as ourinas de Apolo; Em os Campos de Minerva, e nas palestras de Flora. Tudo feito Com as Licenças de Cupido Com os aplausos de Vénus Nas faldas do Monte Pindo. Impresso Na Ofecina do Pégaso* à custa De João Cardoso da Costa, com privilégio De toda a galantaria. Ano curioso de 1729 (BN 1650)
- *Flores do Parnaso semeadas Por mui diversos Autores, regadas Com as ourinas de Apolo em os campos de Minerva, e nas palestras de Flora. Tudo feito Com as Licenças de Apolo às instâncias de Cupido com os aplausos de Vénus Nas faldas do Monte Pindo. Impresso Na Ofecina do Pégaso* à custa De João Cardoso da Costa, Com privilégio De toda a galantaria. Ano curioso de 1729. Tomo 2.º (BPMP FA 41)
- **Passatempo, ou divertimento sério de curiosos:** *Com obras singulares, & escolhidas de vários Engenhos discretos, & poéticos, que em seus escritos luziram, e luzem neste tempo, a este volume juntas pelo R.P. Francisco da Costa, Sousa, & Sales, Beneficiado em S. Mamede. Na Oficina do disvelo*, e bem à custa do seu trabalho (BN 8575)
- *Ramilhete Curioso tecido de varias Flores e Boninas nascidas dos melhores Engenhos Portugueses oferecido À curiosidade por um Anónimo. Coimbra, na oficina do melhor Talento.* Ano de 1736 (BGUC 1091)
- *Desafogo de melancolia, resumo dos grandes partos da ociosidade de F.F.D.A.P. Porto na oficina do Pachorra* 1769 [com dedicatória à Ex.^a S.^{ia} curiosidade, prólogo ao leitor, e demais cortesias do que se dirige a um público, incluindo assinatura do autor, "Fulano Anonimo"]

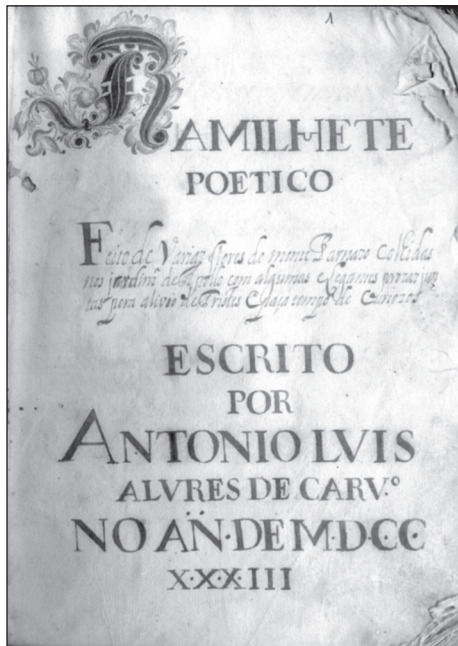
Num tempo em que o livro impresso era raro e de conteúdo condicionado, não oferecendo a mesma facilidade de acrescentamento e modificação constantes de textos garantida no cancioneiro de mão ou manuscrito, essa ampla liberdade, essa possibilidade de lar largas ao riso, de ocupar o tempo aprendendo e deleitando-se nas prazenteiras e aristocráticas, ou clericais, tarefas de escrever e ler livros (quase sempre exemplares únicos dos quais se era, de certo modo, autor e leitor) estão igualmente bem patentes nos títulos de muitos desses manuscritos:

- *Floresta Poética de Vistasas, e odoríferas flores plantadas nos Jardins da Poesia, e Oratória. Pelos mais relevantes engenhos dos nossos tempos, e agora colhidas por uma grosseira, e atrevida mão para passatempo das noutes hiemais e dias estivais* (ANTT 241, 1713)
- *Obras várias, e dignas de se perpetuarem na memória dos curiosos, ou pelo grave, ou pelo sério, ou pelo brulesco, e jocoso; para na sua reflexão, o entendimento profundar no grave, se recrear no sério, e se divertir, e alegrar no burlesco, e jocoso* (BPMP 1396, 1397, 1398; BPMP 394)
- *Devertimento honesto Para Ociosos E entretenimento curioso Para entendidos Na variedade de algumas obras em prosa e verso, ao devino e humano que fizeram vários engenhos conforme as ocasiões que tiveram e assuntos que se ofereceram* Recopiladas Neste livro pelo P.º Fr. Manuel Pregador religioso de São Francisco da Província dos Algarves 2. TOMO **Para as horas de ricriação das casas de fogo em as noites de Inverno e das tardes de campo e passeio da ribeira** (BN 8600, 1706)
- *Obras curiosas destiladas do Lambique da Cachimónia por vários Pegureiros do Parnaso* (ANTT CF 33, 1777)

Debruçando-nos particularmente sobre alguns dos manuscritos do Arquivo Distrital de Braga com poesia barroca, observamos que revelam logo desde o título essas mesmas características:

- *Jardim cultivado com várias flores parnasianas nascidas de diversos engenhos, acumulando-as a este volume a curiosidade, para entretenimento do gosto* (ADB 130, 1712, ou 1720, mas mencionando factos históricos de 1762 para final)
- *Ramilhete poético feito de várias flores do monte Parnaso colhidas nos jardins de Apolo com algumas elegantes prosas juntas para alívio de Tristes e passatempo de Curiosos* (ADB 573, 1733)
- *Fascículo literal ornado com vistosas flores colhidas em viridários discretos: e oferecido a um particular amigo do coadunante anomasto* (ADB 596, 1741)

É belíssima a maiúscula inicial do título do segundo código, que aqui deixamos à apreciação do leitor:



O fascínio do filólogo pelos manuscritos, e em particular pelos inexplorados, desconhecidos ou inéditos, tem muito a ver com o seu carácter único e com a constante interlocução em primeira mão, já que a toda a hora se constitui como seu primeiro ou renovado leitor. Se é verdade que os impressos antigos, produzidos artesanalmente, podem oferecer certa variação, essencialmente gráfica, mais verdade se torna que os manuscritos são sempre únicos, pois ainda quando do mesmo texto se conhecem várias cópias, raramente elas são iguais e se furtam a produtivas comparações. Não obstante, quando falamos de cancioneros de mão, de manuscritos barrocos, a sua originalidade vai muito além: sendo cada códice peça única, de composição individual e personalizada, praticamente não se conhecem obras iguais.

Tomemos um simples exemplo. Apesar da inegável abundância de manuscritos com poesia de Frei António das Chagas (o secular António da Fonseca Soares, uma das figuras mais relevantes do barroco português), quer multi-autorais quer mono-autorais (e estes em número claramente mais abundante do que os dedicados a qualquer outro poeta barroco), somente no manuscrito 5 do Arquivo Distrital de Braga figura a nota biográfica que a seguir transcrevemos, e que valoriza este pequeno códice acima de muitos outros, já que são muito raras e escassas as informações existenciais relativas a cada um dos numerosos poetas deste período:

ADB 5

Romances, que compôs Frey Antonio das Chagas, antes de ser Religioso. [séc. XVII; manuscrito homogéneo, mono-autoral, 566 pp. + 3 fls. em branco]

557-[558]

Fr. Ant.º das Chagas, q' no seculo se chamou Ant.º da Fonseca, dipois de ter composto os Romances atraz escritos, e outras obras profanas, e dipois de ter uiuido co' destraimento no mundo, conhecendo os enganos delle, e quantos tormentos na vida eterna estão aparelhados aos q' nesta temporal esquecidos de Deus se entregão à vaidade de caducas glorias, e ao appetite de momentaneas delicias, mouido desta consideração, ou de especial graça de D's, q' p.º o seruir, e amar fora nascido, tomou o habito de S. Franc.º em 17. de Mayo vespera da Ascensão do anno de 1662. tendo de idade 31. aonde perseverou como bom religioso, e como se presumia de quem escolhera a religião mais por vocação d' espirito, que por accom'odação da vida. Floreceo em virtudes, e exercicios spirituaes, pregando doutrina com grande feruor, e zello do seruiço de Deus, com tam actiua suauidade q' leuaua tras si os corações de innumeravel sequito. Não quiz aceitar o Bispado de Lamego, (em q' o tinha nomeado S. A. por fazer grande estimação de suas virtudes.) **E tendo 20. an. de religião, e 51. de id.e passou deste valle de lagrimas ao Paraizo dos deleites celestes. em 20. de Outubro de 1682.**

Do rico e abrangente conteúdo destes manuscritos o simples folhear pode dar conta, mais que os índices, já que, quando existem, são muitas vezes parciais e não incluem identificadores claros de cada texto neles presente. Numa época em que entre os dotes de um cavalheiro, fosse aristocrata ou clérigo, se incluía necessariamente o de poetar, a que não era alheia a improvisação, o criar e dizer poemas circunstanciais, de repente, o suporte manuscrito era certamente o mais adequado para registar todas essas manifestações poéticas imediatas. Trasladar ou registar versos era *divertimento lícito* e que enriquecia as bibliotecas dos apreciadores e colecionadores de poesia e outras curiosidades. Para além dos elucidativos títulos já aduzidos, isso mesmo refere mais longamente o autor do manuscrito 100 do Arquivo Distrital de Braga:+

ADB 100 [1748; poesia e prosa religiosa (fl. 79 em diante)]

[1] *Sylua Notificioza [sic] Seria e jocoseria que o trabalho de hum Annonimo Aquj unio e tresladou, para honesto diuertimento do honesto Leytor.*

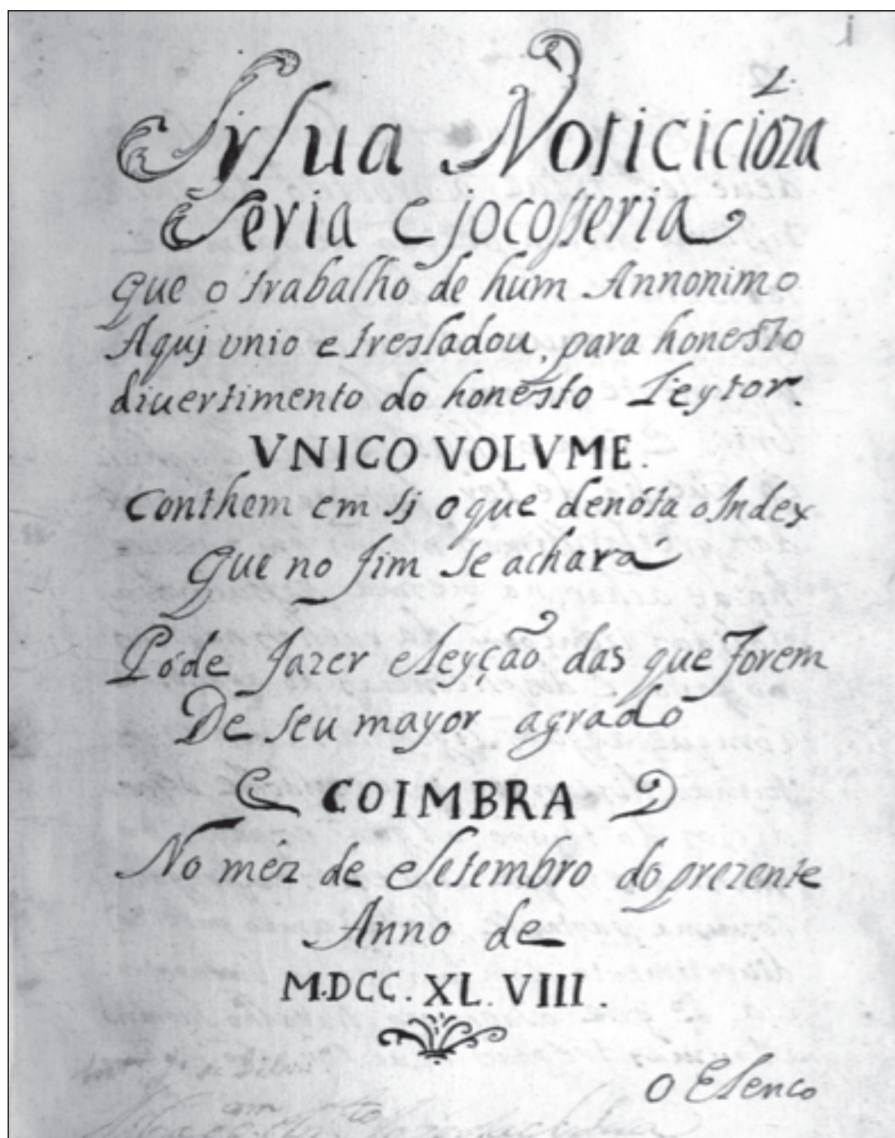
VNICO VOLVME. / Conthem em sj o que denóta o Index que no fim se achará / Pode fazer eleyção das que forem De seu mayor agrado / COIMBRA / No mêz de Setembro do prezente Anno de M.DCC.XL.VIII.

O Elenco / Ao Capp.am An.to Jozé da Sylua

[1v-2] A Eleyção que este livro póde e deue ter, fique a arbitrio da prudētissima circunspecção de quem hé ta'to senhor em sj e de sj, como do Annónimo emanuence que estes tresladados aquj neste mesmo volume chegou a unir; e com o Illustre contacto phizico que ha de têr, fortuna primazial das preclarissimas maon's em que se ha de achar, na mesma possuhirá **as sólidas izençoens' daquellas nauzias no gosto, e displicencias do appetite com que alguns' rigoristas cençores costumão discorrer, parecendohe desperdicios do tempo alguns' espáços do mesmo em que com estes empregos costuma gastarse, lícito [a meo parecer] diuertimento, com a acrecida circunstancia de que o laboriozo trabalho literário algumas trégoas deue têr.** Não explicando o mesmo Annonimo com mais clareza, porque o respeyto que lhe arrebatou as atençoens' o fêz premeditar para os acertos da razão, o não vulgarizar com toda a clareza a applicancia destes carecteres, mudas vozes com que o seu reuerente affecto se chegou a explicar. V.º D.V.S.

Esravo humilde.
o mesmo.

O compilador do cancionero, membro inequívoco do Clero, deixa de si claros sinais nas epígrafes ou notas sumárias que anunciam, encerram ou rodeiam cada texto poético (quase sempre da autoria dos copistas, umas vezes mais coincidentes com um título, outras com indicadores de autoria, localização, datação e outros dados circunstanciais relativos à génese do texto e sua mo-



tivação), e sobretudo nos peculiares remates pedindo orações ao leitor para salvação das figuras, eventualmente reais, visadas em certos textos, como acontece a propósito do romance de *incipit* "Valha-te Deus por Dama..." (ou seja, 'mulher licenciosa', 'prostituta', à época também designada por *mulher dama*):

[55-61v] Valhate Deos por Dama e quem podera – **A huma Dama que enforcarão em Lx.^a por matar hum filho logo que acabou de o parir, fescer o seguinte Romance.**

[61v; no final:] O Romance acima foy feyto pello Poeta do Torrão.

Pede-ce pello amor de Deos hum P.N. com huma Aue M.^a pella Alma daq'lla padec.^{te}

334v-335. **Pede o Emanuence que escreueo este papel, ao leytor, e ouvintes delle,** que em louvor do Santissimo lado de Christo Senhor Nosso, se lembrem das Bemditas Almas que nas pennas do Purgatório estão padecendo Arbibimas e rigorozissimas chamas do voráz fogo que as atormenta de dia, e de noute, sem aliuiio, ou intervalo algum, porque incessante estão padecendo muntos generos e diuersidade de tormentos. **Tenhamos compayxão de suas afliçoens', acodindolhe com todo o cuidado, e já, ao menos para seu refrigerio, com as oraçoens' de hum Padre Nosso, e huma Aue Maria, por modo de sufragio.**

A origem eclesiástica dos colecionadores de poesia não era, contudo, entrave à coleção nos seus códices de textos satíricos, licenciosos, inclusivamente pornográficos. O amor à poesia, e sobretudo ao riso, o exercício da liberdade manuscrita, à margem da censura vigente, fosse moral ou literária, pela via impressa, os justificavam. Daí que no mesmo cancionero (88-89 [44v-45]) tenha o seu autor trasladado o seguinte soneto erótico, que corre em vários manuscritos em nome de D. Tomás de Noronha, o desbocado *Marcial de Alenquer*:

A huma Dama lasciva.

Sonetto

Jogando com Paulinha o tóque embóque
Porque me punha em ree vzou de treta
Hum cabe me armou cabe palheta
Morre ella, que de ãlharga só lhe tóque.

Eu disse Cabe pesso, toque emboque
Em direyto a palheta em tam boa hora
Sem buscar Tejolinho, e asegureyme
Mas antes que com bocas arremetta

Virousse para mim, eu alegreyme
Por me falar á mam diz não se metta.
Por culos dous, à minha que se emboque

Dandolhe hora por dentro, hora por fóra
Toqueylhe as boccas do Aro, e emboqueyme,
Dizendolhe, essa volta me namora.

Ou ainda, do mesmo poeta de Alenquer, a seguinte décima satírica e escatológica (138):

A hu' Estudante q' mandou pedir hua' lingoa de porco.

Decima burlesca.

Quem de porco pede a lingoa
 de porco assás lingoa tem
 por donde vejo tambem
 q' o porco uos não fas mingoa;
 Se não acho mais q' ingoa
 por consoante me enforco
 ou o meu juizo emborco
 queres lingoa amigo tu?
 pois mete a lingoa no cu
 e terás lingua de porco.

O compilador do ms. 573 do Arquivo Distrital de Braga, de 1733, ramalhete de prosa e poesia "para alívio de tristes e passatempo de curiosos", inclui, como de costume, poesia satírica aos costumes de frades e freiras, padres e beatas, como a quadra que abaixo se transcreve, amplamente trasladada e atribuída a Tomás de Noronha em numerosos manuscritos, sem que tal peça o seu autor de encerrar santificadamente o volume com o velho latim eclesiástico:

ADB 573

[1]. *Ramilhete poetico feito de varias flores do monte Parnazo colhidas nos jardins de Apollo com algumas elegantes prozaz juntas pera alivio de tristes e paçatempo de curiozos.* Escrito por Antonio Lvis Alvres de Carv.^o no an. de MDCCXXXIII.

[185v]

Quarteto feito a huma Beata Terceira q' fexaua logo as Aue Marias a porta e depois a abria a huns Frades da sua ordem.

Bem sabe' velhos e mossos
 Que fechais todos os dias
 A porta as Ave Marias
 e a abris aos Padres nossos.

[254. Final do ms.:] **Finis laus Deo Virguinique Matri nec non omnibus sanctis.**

Estes amplos manuscritos barrocos não interessam, porém, unicamente ao apreciador de poesia. Contêm muitos deles frequentemente material de interesse histórico ainda praticamente inexplorado. Se é verdade que do texto literário não pode retirar-se informação histórica e factual sem as devidas cautelas, em virtude da sua própria natureza subjetiva e criativa, também não o é menos que, sendo a literatura barroca bastante alicerçada em dados de

circunstância, partindo frequentemente da realidade que envolvia os autores, desenvolvendo-se os textos em torno de eventos nacionais e locais de maior e menor grandeza, de factos sociais e quotidianos que convocam o riso, a sátira, enfim, a criação poética e literária, muita dessa informação acabou por ficar-nos acessível quase que unicamente através deste tipo de textos. As perspectivas peculiares segundo as quais eram tratados literariamente os factos históricos, incluindo frequentemente as batalhas, incidentes diplomáticos, invasões, eventos reais, mas sobretudo da micro-história (as vivências das viagens dos Descobrimientos, as ocorrências quotidianas de figuras do povo, do clero ou da aristocracia, muitas vezes identificadas, os momentos altos do calendário católico, etc.), são, de qualquer modo, merecedoras de estudo.

Contudo, a anunciar cada texto literário propriamente dito – tal como também a apresentar cada texto não literário – incluem muitas vezes os cancioneiros barrocos longas e explicativas epígrafes contextualizadoras, não literárias, da mão dos copistas, que fornecem habitualmente informação mais objectiva (embora não necessariamente sem equívocos). No códice de que nos ocupamos existem várias composições poéticas de especial interesse histórico, como o romance de *incipit* "Meo Amigo dos meos olhos", conforme evidencia a própria epígrafe, abaixo transcrita, e podem igualmente ler-se peças em prosa não literária, entrelaçadas na poesia, cujo conteúdo histórico poderá em muitos casos haver-se conservado unicamente nestes manuscritos. São, por exemplo, frequentíssimos os textos contra os judeus, ou sobre sentenças de pessoas concretas, como é o caso do processo cuja epígrafe se transcreve abaixo, convidando à constituição de uma base de dados que em muito poderia vir a aclarar todo o movimento da Inquisição, bem como o pensamento e mentalidades da época:

[67-78v] Meo Amigo dos meos olhos - Carta que hum Amigo escreueo a outro á cidade de Lisboa, dandolhe **noticia do sussesso, que a Armada Portugueza, teue com a Armada do Turco na Batalha naual nos máres da Morêa, em o anno de Mil e sette centos e dezasete**, mandáda áquelles dittos máres, pello Serenissimo e Augustissimo Senhor Rey D. João Quinto deste Reino de Portugal: o que tudo se refere no seguinte Romance

[183] ... – Procésso de Sentença pertencente Ao Néscio Doutor Antonio Homem Lente de Prima em Sagrados Canones na Uniuersidade de Coimbra, e Conego na S.ta Sé da mesma cidade, e meyo Christão novo. Penitenciado pello Tribunal do S.º Officio.

[192. No final do texto:] 1624 annos

Os manuscritos barrocos, largamente inéditos, como já se referiu, não interessam sequer unicamente a Portugal e aos Portugueses, seja em termos históricos seja literários. Numa época em que os círculos intelectuais e autorais funcionavam claramente no âmbito peninsular, não apenas durante o domínio filipino, mas já antes, e igualmente no século seguinte, são muitos os cancioneiros que incluem poesia de autores espanhóis, ou seja, testemunhos que podem trazer surpresas no momento de os comparar com outras versões manuscritas, seja de outros cancioneiros portugueses seja de espanhóis, e ainda com as obras já publicadas de autores como Gôngora, Lope de Vega ou Quevedo, entre muitos outros. Por outro lado, está por estudar toda a extensa panóplia de poesia e prosa barrocas em língua espanhola de autores portugueses e espanhóis que se encontra reunida nestes códices, quantas vezes anónima e com níveis tão elevados de variação que promete muitas surpresas quanto ao cânone de autores bem conhecidos e quanto à tão propalada influência, sempre sublinhada apenas em um sentido, no âmbito peninsular.

Tomemos como exemplo o manuscrito 130 do Arquivo Distrital de Braga:

ADB 130 [1712? 247 fls.]

[1] **Exorcismos da malencolia** pertencentes a Vzo e adquiridos por industria do P.^e M.^e Fr. M.^{el} de S. Boaventura

[2] *Jardim cultiuado com varias flores parnasianas nascidas de diuersos engenhos, acumulandoas a este uolume a curiosidade, para entertenim.to do gosto.*

[a tinta diferente:] He do P.^e João Lopes de Araujo, este volume De varias cruzidades e m.^{to} bons engenhos p.^a **quem quer devertir**, aos 27 de Junho d' 17120 @ [sic; textos a factos de 1762, para final do códice]

[Assinado:] P.^e João Lopes Araujo.

[tinta diferente:] **Morador na Rua de Maxeminos desta Ci.de.**

[Rubrica] Lopes.

São presença habitual neste códice as poesias atribuídas a Gôngora, Garcilaso, Quevedo, Lope de Vega, entre outros autores espanhóis, bem como a portugueses vários, escritas quer em português quer em castelhano:

- 72-72v. Halló Bacco la parra prouechoza - **Lope de Vega**. - [Soneto]
- 73. Aue del ermo q' sota - A la Phenix. **Queuedo**. - [décimas]
- 73v-74. O niebla del estado mas sereno - Soneto. A los zelos. **Gong**.
- 74. Dentro del alma fue de mi engendrado - Soneto Enigmatico a los zelos. **Garcilazo**.

Maioritariamente em português, mas não raramente também em castelhano,

são frequentes nos cancioneiros as composições breves e humorísticas, muitas delas criadas como *repentes*, no momento, como resposta natural de uma dama ou cavalheiro de espírito, cristalizando em poesia uma circunstância que convoca o riso ou a sátira, e frequentemente registadas de ouvido ou memória nos cancioneiros, com ampla variação. É o caso da primeira que abaixo se edita, de entre as duas que se apresentam do referido códice (fls. 113 e 245v, respectivamente):

Quarteto q' se fes a hua' freira chamando Bacharel a hu' gala'te.

Que quereis a hu' bacharel
q' sabe q' em uossas grades
se rompem as virgindades
as dedadas como mel.

Adam

Da costilha de hum hombre
crio Dios una Muguer
p.^a q' tengam os hombres
mas hun osso q' roer.

Também neste manuscrito o historiador e o investigador do pensamento seiscentista e setecentista encontram facilmente matéria de estudo. Entre os índices de primeiros versos e epígrafes que efectuei, com vista à identificação do conteúdo completo dos manuscritos barrocos portugueses³, podem achar-se as seguintes composições em que a poesia documenta a história:

221v. De maõ armada, e com motivo injusto - **A Carloz de Espanha Rej movendo guerra a Portugal. na hera de 1762.** [cf. data no início do cancionero, 1712] Soneto.

221v-222. Despreza louco Sarria o pensam.¹⁰ - Fejto **a Sarria General entrando em Chaves no Mes de Junho no anno de 1762.** Soneto.

A riqueza textual e documental destes cancioneiros e miscelâneas é muitas vezes anunciada e justificada pelos seus próprios autores ou copistas. Veja-se, por exemplo, o introito ao leitor (curioso em obra manuscrita para uso próprio), no manuscrito 154 do Arquivo Distrital de Braga:

ADB 154 [na lombada: *Miscellanea*]

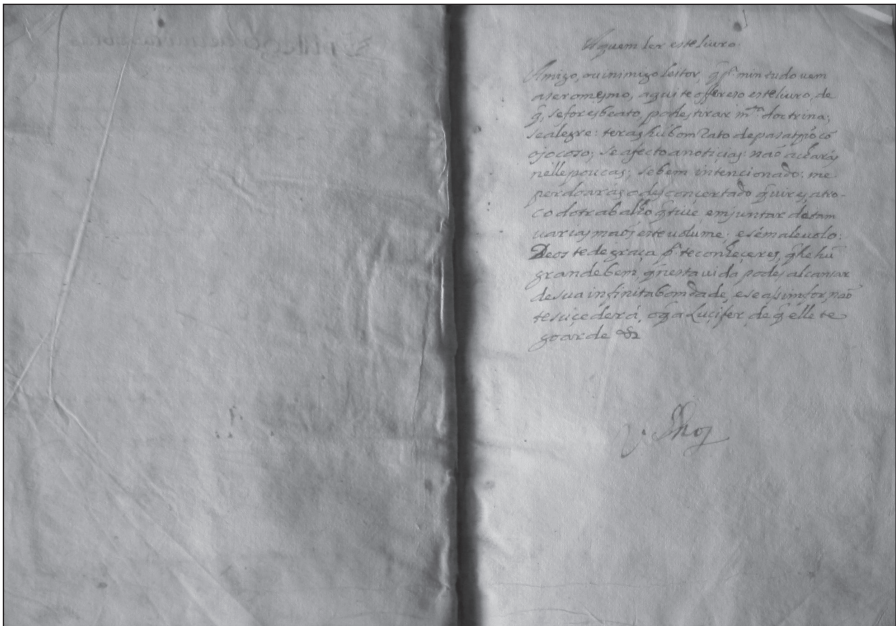
Ao leitor.

Amigo, ou inimigo leitor, q' p.^a min tudo uem a ser o mesmo, **aqui te offereso este liuro**, de q', **se fores beato, podes tirar m.^{ta} doutrina. Se alegre, terás hu' bom rato de pasatpo' com o jocoso; se inclinado a notiças, não acharás nelle poucas; se bem**

entencionado, me perdoaras o desconçertado q' uires, a troco do trabalho q' tiue em juntar de tam uarias mãos este uolume; e se maleuolo, Deos te de graça p.^a te conheçeres, q' he hum grande bem q' nesta uida podes alcançar de sua infinita bondade, e se assim for, não te sucederá, o q' a Luçifer, de q' elle te garde. Valle.

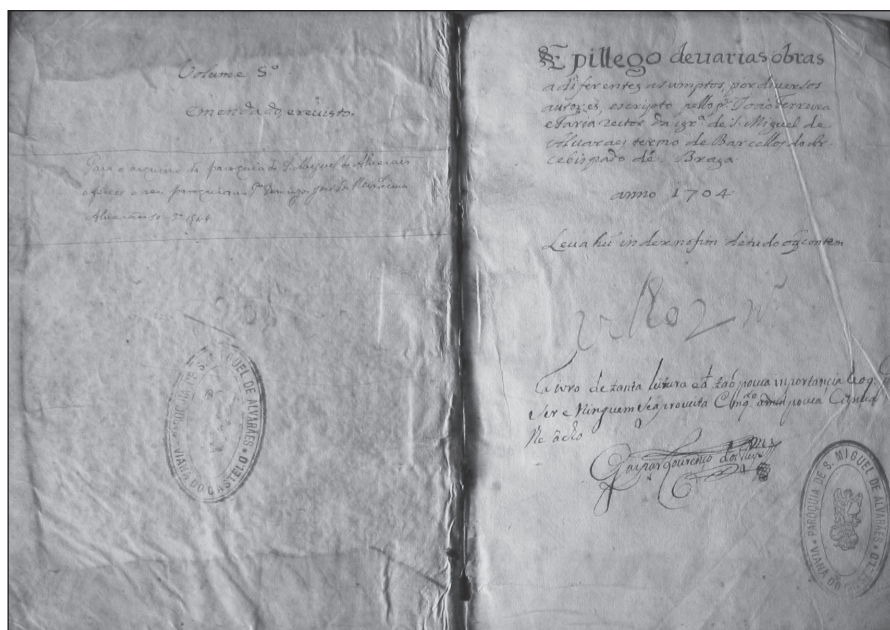
[fl. v.:] Da Livraria de Bostello.

Embora falte ao códice do Arquivo Distrital de Braga a folha de rosto com indicação do seu autor ou proprietário, data e título, fui achar a mesma advertência, já não "Ao leitor", mas "A quem ler este Livro", e pela mesma mão, noutro códice com poesia barroca, o ms. 5 da Paróquia de Alvarães, Viana do Castelo:



PA 5

Neste surge não apenas o título, ou indicador sumário de conteúdos, mas igualmente a data e o nome do copista e proprietário, o Padre João Ferreira e Faria, reitor da Igreja de S. Miguel de Alvarães, paróquia a que viria a deixar muitos dos seus volumes manuscritos:



PA 5

No manuscrito pertencente ao mesmo conjunto que ora se acha no Arquivo Distrital de Braga, a falha do fólio identificador é, contudo, parcialmente colmatada pela seguinte nota de encerramento, que confirma a sua autoria, e cujo lugar mais discreto no final do volume contribuiu seguramente para que essa informação chegasse incólume às mãos do leitor do século XXI:

ADB 154

336v. Em louvor de Deos, e da Virgem M.^a Senhora Nossa. Acabei de escreuer este liuro nesta frg.^a de .S. Miguel de Aluaraes de q' sou Reytor, **aos oito dias do mes de Julho de 1712 annos, sendo Rey de Portugal D. João 5.^o, e Arçebp.^o de Braga Dom Rodrigo de Moura Telles.** Sub correctione Sanctae matris ecclesiae.

O R.^{tor} João Fr.^a e Faria.

O P.^e João Ferreira e Faria, minhoto de Couto de Lapareiros, redigiu o seu primeiro cancionero conhecido, com obras várias de distintos autores, provavelmente de fontes igualmente várias, quando se achava cativo em Argel, no ano de 1676, conforme deixou registado no ms. 1 da Paróquia de Alvarães.

Embora não se conheçam os códices que pode haver constituído durante os 25 anos seguintes, e que poderão vir a mostrá-lo aos nossos olhos como um grande e criterioso calígrafo, existem ainda na Paróquia de Alvarães, de que viria a ser reitor, os volumes que constituiu em 1704 e 1705, enquanto o Arquivo Distrital de Braga guarda hoje aquele que nos dá testemunho da continuidade do seu labor pelo menos até 1712⁴:

PA 1: 1676
 PA 5: 1704
 PA 8: 1705
 ADB 154: 1712 (presentemente sem a folha de rosto com o título, autor e ano)

PA 1, [2] *Epillego de uarias obras a uarios assumptos por diferentes Autores, Tresladado pello p.º João Ferreira e Faria natural de Couto de Lapareiros do Arcebispado de Braga, estando escrauo em a cidade de Argel - anno de 1676.*

PA 5, *Epillego de uarias obras a diferentes assumptos, por diuersos autores, escripto pello p.º João Ferreira e Faria rector da igr.ª de S. Miguel de Alvaraes termo de Barcellos do Arcebispado de Braga. / anno 1704.*

PA 8, *Compendio de uarias obras a diferentes assumptos, por diuersos autores escripto pello p.º João Fr.ª e Faria Reýtor da igr.ª de .S. Miguel de Alvaraes termo da villa de Barcellos Arçebp.º de Braga. / anno. de .705.*

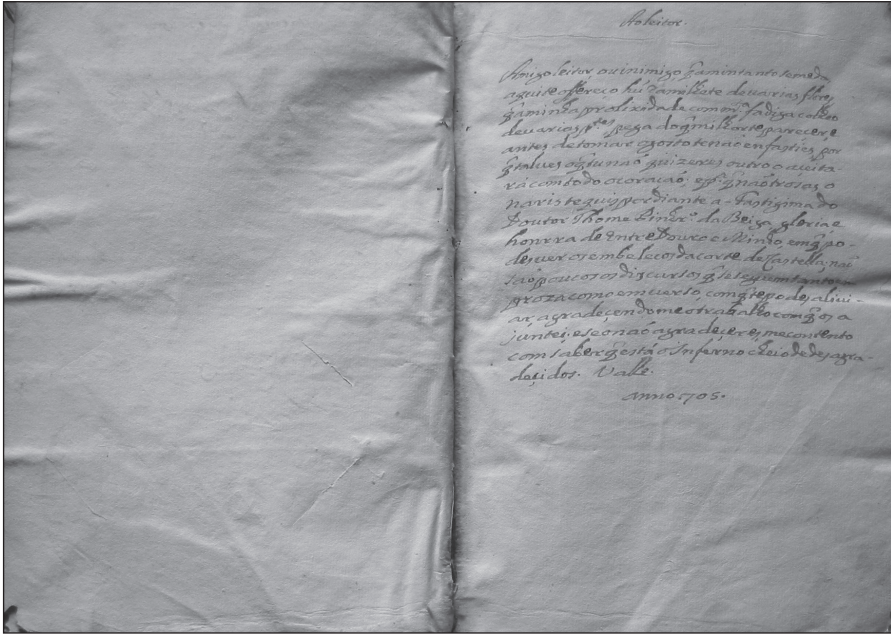
Se observarmos o ms. 8 desta coleção acharemos de imediato informação preliminar para o benévolo ou malévolo leitor muito semelhante à que se repete quase sem variação em PA 1, de 1676, e ADB 154, de 1712; nela se dá conta das fontes várias de que se colheram os textos, em prosa e verso, e ainda do interesse lúdico e mesmo "aliviador" da leitura de tais cancioneiros:

PA 8, [3]

Ao leitor.

Amigo leitor, ou inimigo, q' a min tanto se me da, aqui te offereço **hu' ramilhete de uarias flores, q' a minha prolixidade com m.ª fadiga colheo de uarias p.ªs**, pega do q' melhor te parecer, e antes de tomar o gosto te não enfasties, porq' talues o q' tu não quizeres outro o azeitará com todo o coração; e p.ª q' não trossas o nariz te quis por diante a – Fastigima [*sic*] do Doutor Thome Pinhr.º da Beiga, gloria, e honrra de Entre Douro e Minho, em q' podes uer os embelecós da corte de Castella; **não são poucos os discursos q' se seguem tanto em proza como em uerso, com q' te podes aliuiar**, agradeçendome o trabalho com q' os ajuntei; e se o não agradeçeres, me contento com saber q' está o Inferno cheio de desagradeçidos. Valle.
 anno .705.

Observamos uma vez mais, desta feita no manuscrito 154 do Arquivo Distrital de Braga, como contribuiu o clero para a conservação do nosso património literário barroco, pedindo orações pelos mais pecadores mas sem por isso vedar



PA 8

a entrada nos seus volumes às obras mais pecadoras, deixando registo escrito dos eventos e pormenores sociais, das gentes que bem conheciam e dos seus costumes; veja-se, por exemplo, o inventário de primeiros versos e epígrafes (estas, ou parte delas, provavelmente da autoria do padre) das fls. 64v a 73v:

64v. Esse triumphador do aduerso fado, - Soneto. **Ao Marques de Marialua, a quem El Rey D. A.º, depois d'elle morto mandou tirar o coração, e enterralo aos pes Del Rey D. João o 4.º em S. Viçente de fora, e as entranhas em S. P.º de Alcantara, e o corpo foý leuado a Cantanhede. terra sua.**

65-65v. Minha flor minha Izabel - Romance. **A hua' freira a quem hu' rato se lhe meteo no occulto bosque.**

65v-66. Ja o Carmo não he Carmo, - Romance. **As freiras do Salvador de Braga. por falarem com cabos da guerra.**

69v-73v. Guiomar para amostrarte - Silua. **Feita a hua' freira de Tentugal chamada Guiomar do Ceo a qual antes de o ser foý puta em cuberta; e seu avó tinha sido moleiro; depois de ser freira falaua com hu' clerigo chamado o pardal; e depois teue hua' cuja q' chamauão Vicença da Gloria, a quem furtou hu' prezunto; e ao depois teue outra a quem chamauão fulana da Conjeição, e tambem se dis q' escreuendo a hu' amante disse á criada q' leuaua a carta, lhe diçesse como de si q' hia comprar p.ª sua ama tres lampereas. Satira.**

Não falta igualmente no cancioneiro informação histórica de maior relevo, tanto a partir dos textos como das suas epígrafes. Um tipo particularmente interessante é o que se deduz das disputas poéticas com Castela; são numerosos os cancioneiros e miscelâneas nos quais surgem algumas das peças que completam este percurso de artificiosa e agressiva luta verbal entre Portugal e Espanha, que tenho procurado coleccionar com vista à sua edição conjunta. Um dos textos preferidos e mais trasladados, achando-se no centro da violenta polémica que se acendeu em numerosas respostas e contrarrespostas, foi o soneto de *incipit* "Que aun de los reyes la pulga tenga toz":

167. **Que aun de los reyes la pulga tenga toz, - Soneto. No anno de 1701, fes liga França com Portugal e Castella contra Inglaterra e Olanda, e como nos capitulos da concordata se dizia q' deixarião os Castelhanos toda a pertençaõ q' tinhão a Portugal, bocado q' não podem tragar. lancarão o soneto seg.^{1º}.**

167v. No es mucho cornudassos q' aun la toz - Soneto. Respuesta por los mismos con-sonantes.

Este atrevido país "que um boi lavra num dia", altiva "pulga com catarro", de acordo com os mimos verbais que nos endereçavam os poetas castelhanos, tinha, porém, muito mais com que se preocupar para além da independência e da integridade das fronteiras, e tudo se acha conservado na poesia da época e nos títulos genéticos de que os coleccionadores a fizeram acompanhar:

179-180. O Rey dos ceos e da terra - Romançe satirico. **Que se cantou na noite de Natal na see do Porto no anno de 1698, em q' elrey D. P.º 2º tinha cortes em Lx.ª, e dellas não rezultou outra couza, mais q' lansarem quatro e meio por cento ao pouo, e porem o tabaco em mui subido preço.** Chamauão aos dous procuradores do Porto, q' tinhão ido a ellas, hu' fulano camello, e ao outro fulano cauallo.

O Padre João Ferreira e Faria apresenta em todos os seus cancioneiros epígrafes peculiares, generosas no pormenor, com algumas características homogéneas, pelo que bem poderá ter sido o autor ou reorganizador das mesmas, tanto mais que não se acha muito afastado dos eventos desencadeadores da criação literária, ao contrário de outros calígrafos conhecidos, como António Correia Viana, organizador de dezenas de cancioneiros, mas já à distância de quase um século do período barroco. A riqueza e o rigor das epígrafes podem desempenhar um importante papel na contextualização e mesmo na interpretação dos textos, subtis, artificiosos e construídos numa língua que exige muito ao leitor contemporâneo. Veja-se, por exemplo, o mote (a seguir glosado) que

traslada nos fls. 98-98v, de que se conhecem numerosos testemunhos, mas poucos historicamente tão bem enraizados:

Mote.

A Dom Luis de Menezes Conde da Eriçeira q' se lansou de hua' jenella abaixo dia de corpus sobre huas' pedras q' tinha p.º as obras do seu jardim na Anumçjada, e' q' gastou m.º dr.º, e como era védor da fazenda real, era notado de ladrão.

Aqui jaz em q' lhe pés
quem tudo fes com má sorte,
e só na hora da morte,
ueýo a cair no que fes.

Mas o intelectual barroco, fosse clérigo ou aristocrata, interessava-se por todos os escritos que pudessem amenizar-lhe as noites hiemais tal como as estivais. Assim, e embora tenha sido a poesia a dar o nome aos cancioneiros, a prosa também não foi neles desprezada, tal como todos os tipos de texto não literário que se prestassem à cópia ou registo escrito, mesmo que para tal fossem precisos volumosos códices em branco. Vejam-se alguns exemplos de prosa sentenciosa e didáctica trasladada no cancioneiro do P.º João Faria:

Das letras.

Aquelle não pode escreuer bem, q' uae imitando, e não sae dos termos ditos por outro. Na qualidade, e não na quantidade das palauras consiste a agudeza de hu' bello dito. (269-272v)

[...]

Dos Juizes, e das Leis.

He neçessario ser seuro no fazer das leis, ao contrario / ser piadoso no executar o q' ellas mandão. (276v-278v)

[...]

Das cortes, e dos negócios.

A corte he feita de tal qualidade, q' aquelles q' mais se conuersão, / peor se tratão, e aquelles q' mais doçem.^{te} se fallão peor se querem. (288-288v)

O códice 277 do Arquivo Distrital de Braga, cuja lombada anuncia notícias várias, acabou por albergar poesia entre sermões, achando-se apenas estes anotados num índice prévio. Pertenceu a Fr. José de S. Joaquim, monge de S. Bernardo, e foi a mesma mão que registou este nome a trasladar as poesias, a partir da página 39, tendo-se posteriormente acrescentado o nome de Fr. José Teles:

ADB 277[Lombada:] **NOTÍCIAS VARIAS**

[1] Pertence a Livraria de Bouro

[1 v.] Da Livraria de Bouro

[3] **Pregacois q' estam neste liuro.** [...][3v.] **Este liuro he De Fr: Jozeph De São Joachim Monge De São Ber.do**[mão e tinta diferentes, posterior:] **Fr. Joze Telles**

Não sendo rara a presença de textos poéticos entre peças não literárias ou literárias em prosa, e por vezes mesmo no interior de textos dessa natureza, é o trabalho do seu recenseamento pelo filólogo muitas vezes recompensado pelo achado de poesia inédita e de testemunhos únicos ou valiosos no difícil percurso da fixação do texto, em particular quando não existem manuscritos autógrafos, mas apenas um testemunho apógrafo, ou então vários. No caso deste códice, não é despidendo que tenha a oferecer-nos um testemunho divergente, por exemplo, de um soneto erótico e jocoso de D. Tomás de Noronha. Embora tenha coligido outros 15 testemunhos desta composição (Barros, 2008: Base de primeiros versos), já antes editada por Vítor Aguiar e Silva (1971: 391) com base na cópia do ms. 359 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, esta versão de ADB 277 revela-se particularmente interessante para o conhecimento das peculiaridades da tradição manuscrita:

<p>ADB 277, 61v</p> <p>Varios Desprepozitos, composto delles hum soneto.</p> <p>Estou gordo bem disposto e sem mazela, muý escuro me parece estar o ceo, rica folha de espada bom chapeo, a moça querme bem e eu a ella.</p> <p>Como com preto dis cor amaréla faço agora hum vestido; rico véo Sou nobre sou Fidalgo como o ceo, grande judicial a letra he bella.</p> <p>Está bem feito este soneto, he moderno; ricas meýas não tem ponto quebrado, eu janto em caza de Verão e Inuernio.</p> <p>Que lhe parece Sou Moço avizado? Sou valente? e rompera ao mesmo Inferno Senão estiuera agora agastado.</p>	<p>ANTT 1931, 4</p> <p>Estou gordo, bem disposto, e sem mazela, bem enrocádo está este manteo, rica folha de espada, bom chapéo a moça querme bem, e eu a ella.</p> <p>Como co preto dis liga amarela faço agora hum vestido, rico véo, sou nobre, sou fidalgo, como o Ceo, grande Judicial, a letra he bella.</p> <p>Está bem feito este sonetto: He moderno. ricas meyas, nenhum ponto tem quebrado, sostento caza de Verão, e Inverno.</p> <p>q' lhe parece, sou moço assiado? sou valente, e rompéra o mesmo Inferno, a não ter o meu velho em tal estado.</p>
---	---

Não sendo aqui o lugar para apresentar a extensa variação que permite curiosas leituras paralelas do mesmo soneto a partir dos seus testemunhos manuscritos, observemos apenas a variedade das interpretações possíveis desde logo a partir das epígrafes de que o antecederam alguns copistas. O calígrafo Correia Viana copia um século mais tarde esta composição na sua antologia exclusiva de Tomás de Noronha (ANTT 49-III-71) e, com a sua reconhecida *compostura* (ou tendência a compor o que o barroco apresentava caracteristicamente descomposto), sobrevoa de muito longe a metáfora "romper o inferno" e o coloquialismo "o meu velho" (vv. 13-14: "E rompera o mesmo inferno, a não ter o meu velho em tal estado"): "Falando o Autor com sigo mesmo, vendo-se a hum Espelho; e tendo seu Pay doente etc.^a". Mais preciso, o copista de BA 49-III-52 refere "a narração de suas partes", pois que é de partes que se trata. A bateria de esplêndidos dotes físicos – até o soneto recair, ou jocosamente cair a pique, no seu décimo-quarto verso, sobre o seu descaído apêndice – está bem presente nos títulos que referem estar o autor vendo-se a um espelho (ANTT 2099, BGUC 359, BN 3106). Aqueles que, mais sisudos, provavelmente frades, baptizam compreensivamente o texto como *despropósitos* (ADB 277) ou *disparates* (BN 6269) bem se vê que sabem do que fala o poeta. E o mesmo sabe o penetrante colecionador de BGUC 526, revelando na epígrafe a compreensão da chalaça: "Soneto de D. Thomas, jatandose de Traje, parecer, e de valente; he jocozo".

1. Estou gordo bem disposto e sem mazela, (Anónimo) – Varios
Desprepozitos, composto delles hum soneto. ADB 277, 61v
2. Estou gordo, bem disposto e sem mazella, – soneto ADB 373, 92-92v
3. Estou gordo, bem disposto, e sem mazela,
(Anónimo, seq.) – soneto ANTT 1931,4
4. Estou gordo, bem disposto, e sem mazela; – De D. Thomas,
vendose a hum espelho. ANTT 2099, 10
5. Estou gordo bem disposto e sem masélla – De D. Thomas 23.
Em que da narração de suas partes – soneto BA 49-III-52, 77
6. Gordo estou, bem disposto, e sem mazela – Falando o
Autor com sigo mesmo, vendo-se a hum Espelho; e tendo
seu Pay doente etc.^a BA 49-III-71, 18

- | | |
|---|-------------------|
| 7. Estou gordo, bem disposto, e sem mazella, – Sonetto De Disparates de D. Thomas. | BGUC 338, 299 |
| 8. Gordo estou, bem disposto, e sem mazela – A si mesmo vendose em hu' espelho | BGUC 359, 46v |
| 9. Estou gordo bem disposto e sem mazella – Soneto de D. Thomas, jatandose de Traje, parecer, e de valente; he jocozo | BGUC 526, 397 |
| 10. Estou gordo, bem disposto, e sem masela, – Assi mesmo uendosse a hum espelho. | BN 3106, 29-29v |
| 11. Estou gordo, e bem disposto, sem mazella – Soneto do mesmo A. | BN 4259, 16 |
| 12. Estou gordo, e bem disposto sem mazela – (Anónimo, seq.) – soneto | BN 4332, 59v |
| 13. Estou gordo, bem desposto e sem mazela, – Soneto de disparates. | BN 6269, 110-110v |
| 14. Estou gordo, bem disposto, sem mazella, – Soneto Burlesco | BN 10894, 315 |
| 15. Estou gordo bem disposto, e sem mazella – Fes D. Thomas este soneto a si mesmo. | BN CP 133, 312 |
| 16. Estou gordo, bem disposto, e sem mazela, – Outro do mesmo | PA 1, 88 |

Atribui-se ao mesmo poeta pelo menos mais uma composição – igualmente burlesca – explorando o mesmo achaque da velhice; dela surge um testemunho em um dos mais ricos cancioneiros barrocos do Arquivo Distrital de Braga, o ms. 373 (209v). Em vez da versão mais curta, de 9 quadras, que propõe este códice (na verdade com duas cópias do texto, mas a primeira apenas com os seis primeiros versos, e epígrafe diferente), apresento a de BGUC 359⁵, com as 16 quadras que correm manuscritas. Para melhor centrar o leitor, faz-se anteceder o texto dos títulos mais ilustrativos que apresentam três dos seus testemunhos (também o próprio romance revela de manuscrito para manuscrito ampla variação, que não cabe aqui registrar, e diversificado número e ordem de estrofes):

- | | |
|--|----------|
| 1. Redondilhas de Dom Thomas deshonestas a hua' Dama dizendo q' ja se vé demudado no apetite | BGUC 358 |
| 2. D. Tomás queixando-se a uma Senhora de estar já velho. | PA 1 |
| 3. Pello mesmo Dom Thomas a huma Dama a quem da a cauza por que lhe nam assiste. | BN 8575 |

Já não sou quem ser soía,
deu volta o mundo, Senhora,
sapatos me pede agora
quem gorra então me pedia.

Estou de todo trocado,
não me conhecereis não,
que o que em mim era aleijão
é agora o aleijado.

Quem já chorando algum' hora
me fez rir a mim e a vós
nos fará agora a nós
chorar, porque já não chora.

O que, no Março passado,
por meio da carnadura
me fez andar à pendura
anda já dependurado.

Aquele, Senhora, crede
que tanto gosto vos dava
que à parede vos pegava
podem pegá-lo à parede.

Está tal, segundo entendo,
que quando a vê-lo chegueis
em o vendo vomiteis,
se vomitava em vos vendo.

O relógio que havia vez,
e mais sem fazer excessos,
que em lhe bulindo com os pesos
vos desandava com as dez

já não é como era então,
já dar tantas não costuma,
pois para haver de dar uma
lhe haveis de andar com a mão.

Já como dantes não encaixo,
tudo se foi acabando,
que já agora me não mando
da cintura para baixo.

Quis o costume perder-se,
deste meu tirar acinte,
pois soía derrubar um vinte,
já por si não pode erguer-se.

Tudo hoje é contrafeito
e não é como era então,
que se o não erguem com a mão
não pode ter-se direito.

Se outrem não vai levantá-lo
mal por si se pode erguer,
que o sino para tanger
hão-lhe bulir c' o badalo.

Já badaladas atalho,
ninguém dar tantas presume,
que para haver de dar uma
me custa muito trabalho.

Mudou-se isto tão asinha!
Não sei, Senhora, a que o ponha,
que o que era minha vergonha
veio a ser vergonha minha.

Porque enfim venho a temer
(quem cuidar isto podia)
que o que a mim me comia
me venha agora a comer.

E tem-me tão acabado
o modo de tal excesso
que direito nem avesso
acho já neste coitado.

O leitor do códice 373 do Arquivo Distrital de Braga terá garantida da poesia do período barroco a imagem fiel que uma antologia impressa e submetida à Real Mesa Censória como foi a *Fénix Renascida* nunca poderá oferecer, por mais que continue a servir de referência para o seu conhecimento (Barros, 2008: Cap. III). Nele surge, por exemplo, um testemunho de um dos sonetos mais irreverentes que se escreveram sobre o amor e a beleza feminina, em

clara rejeição do gasto estilo gongórico povoado de deidades louras de mãos de neve e de cristal (fl. 73):

Soneto em desprezo da formozura humana.

Que fio de ouro da cabessa ondeado
piolhos não criou, e lendeas teue,
q' rayo de olhos blazonar se atreue,
q' não foy de remellas maltratado,

Que boca se achou ou q' naris prezado
donde escarro, ou monco nunca esteue,
de q' mão de cristal ou branca neue
não se uio seo besbelho vicitado,

Que pago de mais bella galhardia
q' hu' dedo do cù so deuedido
não meja, erregra tem todos os mezes

Pois se amor tudo he merda, e porcaria
e por este monturo andaes' perdido
cago no amor, e em vos trezentas vezes.

Pode igualmente ler-se um soneto aos homossexuais, dos muitos que na época se escreveram aos *fanchonos*, *putos* ou *somítigos*, dando conta do descontentamento de umas a quem muitos deixavam de *atender*, e de outras a quem faziam concorrência, devido a esta *malignidade* que se dizia grassar no reino (118v):

Soneto aos fanchonos.

Peitinhos de perdis, mozos perdidos
cobrades coracoens', fanchonos peitos
q' com os pes, e corpos contrafeitos
andaes' dando signal q' soes' dormidos;

Rapazes em putinhas conuertidos
sodomitas no trage, e nos feitos,
q' ao som de dous, ou tres confeitos
tacaes' pandrogal fruta apercebidos,

As putas do partido desta terra,
Saramanga, Moraes, Christina, e Costas,
Cordeira, Beatris, e mais canalha,

porq' essa fanchonisse lhe fas guerra
todas por vos dormir andão dispostas
por ver como sabeis tomar a palha.

Não está ausente, contudo, deste e de outros cancioneiros a face mais nobre, filosófica e lapidar da poesia, e também do amor, igualmente afastada da máscara artificiosa que lhe conferiu quase indelevelmente a única antologia publicada, a *Fénix Renascida*, depois parcialmente retomada no *Postilhão de Apolo* (ADB 373, fl. 268):

Definição do Amor por o D.^{or} Mira de Mescua.

Amor es una verdad
que nos roba el corazón,
obscurese la razón
y ciega la voluntad.

Entre as (in)utilidades poéticas que os manuscritos mais frequentemente albergavam contam-se ainda numerosos enigmas, que conjugavam de modo feliz a boa ocupação do tempo com o convívio social e a dedicação à arte de ler, dizer ou escrever poesia. Estas composições, embora maioritariamente breves, podem desenvolver-se de forma verdadeiramente críptica e artificiosa ao longo da numerosas estrofes. No ms. 277 do Arquivo Distrital de Braga pode ler-se, por exemplo, um enigma em 6 oitavas, de *incipit* "Com ser de todo o Mundo o mor gigante", e com a seguinte epígrafe: "Pintase hum Gigante q' hade emtrar com a cabeça pello globo celeste hade ter muitos braços, e de baxo delles o globo terrestre. Em alguns casos, os cancioneiros são ainda enriquecidos com desenhos mais ou menos laboriosos a ilustrar o que neste caso se explica por palavras. No desenvolvimento deste enigma não poderia deixar de se fazer referência a Camões [654-655]:

Hum Poéta Camoens poéta torto
sei que tem já de mim muito falado
em Lisboa o busquei e fui ao Porto
porque no Porto estou mais soçegádo;
em Palestina me fizerão morto
querem dizer que foi pello peccádo
Eu hando agora em huns medica.tos
por ter todos os dias crescimentos

Advinhem os Discretos

Abandonando por instantes as adivinhas, atente-se no tipo de registo que se fez no final deste códice, excelente exemplo das muitas (in)utilidades que neles se costumavam arrumar: no fl. 655v figura o "Rol da Despeza q' fez o N. Conu. to de Alcobaca q.do Carlos 3.^o esteve nelle, na passagem q' tomou p.^a Beira",

que se inicia com o número de "Vitellas – 30", incluindo também o número de galinhas, patos, perus, perdizes, toucinhos, presuntos e paios consumidos no evento, e, não satisfeito o inventariador de tais gastos, deixando ainda em aberto as despesas com outros víveres – "e outras de que não tive notícia".

Esse carácter miscelâneo é partilhado pela grande maioria dos manuscritos barrocos, e tem a ver com a sua própria natureza manuscrita, flexível, informal, já que o cancionero é de mão e se presta sempre a mais um acrescento, a mais uma confiança ou utilidade doméstica, lúdica ou profissional. No ms. 367 do Arquivo Distrital de Braga, cuja lombada anuncia *Uarios Uersos*, pelos quais um proprietário posterior não se furtou a pagar o devido preço (lê-se no interior da capa "6400 reis estes escriptos"), incluiu o seu eventual autor, o Padre Lucas Ribeiro Moreira, textos em prosa para cerimónias sacras, cartas literárias e não literárias, um remédio para a gota (anotação que poderá ser posterior) e até mesmo um exorcismo, de que se transcrevem unicamente o *incipit*, a epígrafe e a recomendação final:

ADB 367

[0]. **He do P.º Lucas Ribejro Morejra Frg.ª, de S. Lourenço de Sande Tr.º de Guimaraens**

34v-35v. Senhor meu Jezu Christo, vos sede meu... - De yoelhos, e com devoçam diante de huma imagem de Christo Crucificado diras o acto de contrissam a confissam geral, o credo, depois diras este auto de confiança com Deos.

[No final:] "**He necessario, q' estas couzas sejam feitas com affecto.**"

Possuindo o Arquivo Distrital de Braga manuscritos barrocos maioritariamente ubicados na região, é comum a presença nos mesmos de poesia sobre assuntos locais, com informação histórica de interesse para a comunidade, a cidade e muitas das freguesias do distrito, onde, aliás, alguns destes coleccionadores, párocos ou frades, se achavam bem enraizados (são igualmente valiosos os traços dialectais que nos seus manuscritos corroboram a sua origem, alguns já antes observáveis noutros passos citados neste mesmo artigo)⁶. No ms. 367 podem ler-se, por exemplo, as seguintes preciosidades, se não em termos literários, pelo menos em termos históricos e sociológicos:

- 165-166. Sajvam no q' socedeeo - **A Joam Gomes da Cid.º de Braga Librejro, q' capou o mosso.** - [romance, 11 quadras]
- 181v-185. Ja a Primas da [sic] Espanhas - **Quejxas, q' fazem os Bracharences relatando à destruiçam q' tem havido nesta cidade de Braga a dois annos a esta parte. Decimas. 1737a'**

- 185-185v. Esta manham me cassaram - Mote glozado por **Manoel Joze Cachejro estando prezo no Castello de Braga a 13 de Março de 1737.** ["Enocente, porem prezo."]
- 97v-98v. No Sermam de S. Martinho - Decimas Em q' se relata, o negarce a absolviçam a huma molher, q' prometeo não beber mais vinho. [No final:] Finis / **Isto nas S.ras molheres não he estranhado, mas sim he costumado.**

Observemos mais de perto o primeiro desses textos:

A Joam Gomes da Cid.e de Braga Librejro, q' capou o mosso.

Sajvam no q' socedeo
na rua dos Mercadores,
prenderam no Abexim,
por ser Rej dos Capadores.

Porem elle o Capado
esta com todo o Coraçam
dizendo, q' nam foi elle
para moeda salvaçam.

Milhor te fora morrer,
q' neste mundo ficar,
se te conhecem as femeas
as pedras te ham de atirar.

Coando te nam possam dar,
seras mui bem murmurado
que por amor de huma negra
dizem que fostes capado.

Ora consolate amigo
com isso, que te ficou
que para accender incendio
basta piqueno murram.

Agora meu Abexim
Com tigo quero falar,

se me dizem, q' es librejro,
nam te metas a capar.

Em Março, nam era tempo,
nem se fas circumcizam,
porem tu o pagaras
metido no cagarram

Eu só te digo amigo,
Se eu me nam enganar,
que lá hirás p.^a o Porto
hum pouco de alto pregar.

Que me dizes tu agora
Abexim mais disgraçado
Cuidaras no que fazias
nam estiveras agarrado

Jsto he cazo notorio,
nam se pode abafar
que no tempo de agora
nam ha mais em q' falar.

Principalmente mulheres
choram infinitamente
por se perder hum pipino
que podia dar semente

Também a conhecida inimizade entre Bracarenses e Vimaranenses surge bem documentada nestes cancioneiros, merecendo estudo as fontes manuscritas para um melhor conhecimento da história de tal relacionamento e das polémicas literárias que provocou. Leia-se, por exemplo, no manuscrito citado, o seguinte romance (88-92v), no final de cuja trasladação o copista anotou "Finis / Falta a cauza desta reposta", pois que era comum juntar os textos de uma mesma polémica:

Em reposta do romance q' os guimaranences fizerão contra os de Braga.

Remance.

De Guimarains villa torpe
nesse meu romance fallo
de falar nella me pejo
por ser assumpto tam fraco.

Mas isto pondo de parte
todos escutem meu canto
pois eu discantarlhe quero
num romance de cantado:

Os filhos de guimarains
sam tam tollos, e tam parvos
que dizem elles, q' Judas,
em Braga fora gerado

Tal cabeça tal concelho
muito bem dis o ditado
pois só elles dizer podem,
o que nem dice o diabo:

Disei-me guimaranences
disei brutos, disei asnos
em que Livro achastes isso
dessa sorte relatado:

Nunca tal Livro sera
por vos outros relatado
pois falais todos a toa
costume, q' tem os parvos.

Mas porem tendes desculpa
pois sempre estais com cachas,
não ais dem, q' falo a toa,
escutem, q' vaj o cazo;

Lá nesse tempo gentilico,
digo no tempo passado
com q' Braga demonstrou
de Mavorte ser espanto:

Quizeram os Bracharences
com seu valor costumado
dar hua' forte batalha
contra o valor dos Romanos.

Pois esta Primas Cidade
he de valor tam preclaro,
que só com Roma compete,
nam com povo limitado.

Como se dis de Alexandre
q' de Mavorte foi Raýo,
Pois com iguais competia,
por isso foi affamado:

Querendo pois os de Braga
Com os de Roma sahir a campo
inemizadas, q' herdaram
da belica Maý de Charthago:

Os de guimarains quizeram
sahir com seu aparato
acompanhando os de Braga
por peleyarem a seu salvo;

Que os de guimaraens costumam
professar valor tam raro,
que so com as costas quentes
elles costumam dar ralhos:

Nam quizeram os de Braga
ter ajudantes tam fracos,
q' semelhantes ajudas
nada nada tem obrado

Mas porem tam contumazes
de guimaraens esses parvos
se mostraram nesta empreza
q' como caens davam brados:

De sorte, q' a Primas Braga
pellos ver acomodados
deulhes tres pipas de vinho,
nam lho fizeram mui caro:

Que os de guimarains costumam
faser isto mui barato,
pois deixam furias de Marte,
por chupar o sumo de Baco:

Inda, q' hajam vinte bulhas
inda, que lhe dem mil pratos
o ponto he haver vinho,
que esta tudo acomodado:

Sam muy secos, e mui crus,
e quazi, q' sam arnegados,
mas se lhe molham a boca
tudo nada entre dous pratos:

Eis aqui porq' eu dizia?
que estes amigos de Baco
o q' querem sempre disem,
por q' sempre estam borrachos:

Coitadinhos tem desculpa
estes odres, estes frascos
tem cacha para falarem,
pois sempre estam como cachos:

Diram, q' Deos, não he Deos
como disem por peccados
como vos vereis senhores
nestes versos mais abaixo:

Por isso dizem, q' Judas
em Braga fora gerado
que guimarains disera eu
fora patria do Deos Baco:

E se eu disser, q' Rej Eroses
De guimarains fora parto,
o digo asim, q' foi filho
de guimaraens este belhaco:

Mas elles ham de negar
por q' he gente do Diabo,
ou diram, q' em nenhum livro
isto asim vem relatado:

E diram Lá, isto he chimera
ou aleive alevantado,
por que não sam aleivozos,
e q' tudo o mais he falso:

Como ham elles de provar
de guimarains os vilhacos
ser Braga verso de Judas
se isto nunca foi pençado:

Eu digo, que el Rej Herodes
algozes feros, e bravos,
por quem Christo no Calvario
foi na Crux crucificado:

Digo, q' Anás, e Cajfas
digo tambem, q' Pilatos,
que todos os mais judeos
de Guimarains forão partos,

Oh guimarains venturoza!
Pois filhos tens tam honrados
podes blazonar de nobre
podes ser de todos pasmo:

Mas elles ham de negar
isto q' tenho affirmado,
tambem nego o q' de Judas
disem estes mentecatos:

Provem elles, o q' disem,
nece seu romance falso,
q' eu provarej, o que digo
ou o que tenho afirmado:

E por q' dizem couzas falsas
esses brutos, esses asnos
todos sabem, q' hum amor
em outro he recompessado:

Mas o sucesso das pipas
inda a tempo me declaro
q' teve tanto de serto,
q' não tem nada de falso:

Veýam as historias velhas
com atençam, e com cujdado
mas esta gente tam bruta
nam le nestes cartapacios

Pois a sua biblioteca
sam toneis pipas e frascos
e lem por letras vermelhas
os sucessos do seu Baco:

Mas esses Judeos por quem
Christo foi crucificado
Se nam sam de guimarains
Là tem parentes, e trato:

Elle lucram de Judea
como he patente, e mui claro,
donde de Judeos o nome
dizem fora dirivado:

Os de guimarains tambem
sam deste povo malvado
pois negam, q' Deos he Deos
ho q' he, senão ter rabo:

Não cuidem, q' falo a toa
por quanto verdade falo
á todos cilencio peço
atendam, q' i vaj o cazo:

Vossas mercés meus senhores
estam certos por acazo
de hum judeo de guimaraens
que em Lisboa foi queimado:

Não ainda muito tempo,
q' foi o anno passado
por negar, q' Deos he Deos,
o fes em cinzas Routeano:

Dizem os de guimarains
q' o pires originado
fora neste orbe Primas
mas importo preclaro:

Mas porem elle he do Porto
e ser de Braga, he mui falso
porem demoslhe que seja
que he mil vezes negado

Entam qual sera melhor
Dizei asnejroiis, e parvos
hum algos he homem rabudo
que por Judeo foi quejmado:

Discursaj guimaranences
discursai burros, e asnos
qual vos parece dos dous
que he mais nobre, e honrado:

Hum, q' por enforcarvos
por algos foi deputado,
ou esse, q' se quejmou
por ser yudeo, e ter rabo;

Amigos ponto na boca
ninguem vos mandou ser parvos
por q' entendeis com Braga
Cidade de tanto garbo:

Ninguem entendeo com vosco
sois bachareis do Parnazo
tomaj lá esta castanha
q' estoura dando estalo

Nam sejais bachareis
sede mais arezoados
senão quereis ser yudeos
senão quereis ser borrachos

Não se me da toleiroins
desses vossos ameaços
q' pois com copo de vinho
vos verej acomodados

O tempo, que Deus dava de graça, não desamparando os seus mais directos servidores, permitia pois que se dedicassem ao registo escrito destas manifestações provocatórias e de outros literários passatempos, como o das adivinhas, a que finalmente retornamos, já que neste manuscrito se acham muito bem representadas. Não cabendo aqui a edição integral dessas *Advinhas* (fls. 102-105), já preparada em conjunto com as de outras fontes, leiam-se, a título de exemplo, as seguintes:

Por hum fresco verde prado
passa huma dama fermoza
com vestido bem labrado
com obra mui curioza
nem cozido, nem cortado.

he huma cobra. (102v)

Huma lova esta vestida
da pelle de outro animal
huma Leoa esta escondida
que coando quer fazer mal,
deixa a pel, e saj despida.

he huma espada. (102v)

Sem ser carne, nem pescado
Sou dentro na agoa nascido,
mas se despois de criado
for a minha maj tornado
Serei logo consumido.

he o sal, q' se fas da agoa. (103v)

Duas irmans naturais,
Legitimas, e verdadeiras
tidas no mundo por tais
eu darej certos cinais
q' não sam irmans intejras.

Sam duas mejas intejras. (104)

Quem me savera dizer
da quelle mudo avizado
q' fala tudo, o q' quer,
e q' coando esta calado
da mostras de gram saber.

he hum libro. (104v)

Transcreviam-se igualmente adivinhas em prosa, como a que se lê no fl. 203v, nem por isso menos artificiosas ou garantindo menos prazenteira ocupação do tempo:

Advinha.

Fui a huma perejra, q' tinha peras, e eu nam comi peras, nem deixei peras, e nam trouce peras, q' he;

de sorte q' a perejra nam tinha senam tres e deixei huma; comi huma, e botej outra a baixo, logo nam comi peras

O mesmo manuscrito 367 do Arquivo Distrital de Braga garante ainda outros tipos de prosa eficaz para o deleite das noites hiemais e tardes estivais, como é o caso das *Parvoices* abaixo representadas por alguns *incipit* (seguidos de anotação na margem pelo leitor ou proprietário do cancionero: "parvoice", "parvo") e títulos de secções:

129-129v. Namorar em publico -- parvoice - Parvoices dos homens no estado de solteiro.

129v-130v. Cazar por mais de huma ves, -- parvoice - No estado de cazado.

130v-131. Comer muito em dia de entrudo, -- parvo. - No comer.

131-131v. Montar em besta, sem lhe saber as manhas, -- parvo. - Nas jornadas.

131v. Fazer vida de jogar, -- parvo. - No jogo.

132v. Tomar agoa benta, benzerce, e comungar com luvas calçadas -- parvo. - Na Igreja.

133-134v. Presumir de fidalgo, discreto, ou valente -- parvo. - Em todo o estado, e em toda a vida.

[No final:] Fim das parvoices.

Ou ainda as numerosas e famosas peidologias, em prosa escatológica desafiadoramente imitando impressos nunca exequíveis, meticulosas no desenvolvimento alfabético da definição do seu nobre objecto de estudo, neste caso rematando com barrocamente inspirada e definitiva redondilha:

137v-138v. Amigo Leitor, aqui te dou esta piquena... - **Peýdologia, Alfabetica, Pane-girica dedicada ao bem comum, escripta por hum Autor estrangeýro graduado nas causas naturais em Fuente Rabia. Com Licenças necessarias, e Privilegio.**

138v-139v. Para que esta obra satisfaça a todos... - Satisfaçam previa.

139v. He Aurora, he Arvore he Ave, he... - Perguntace, que he o pejdo, Responde o A.

140. He Barranco, he Barro, he Balança... - Pergunta, que he o pejdo, Responde o B.

140-141. He censura, he cana, he carrejra, he... - Pergunta, que he o peido Responde o C.

[...]

148. **He xara, xadres, xaque; he xara, porque... - Pergunta, que he o peido, Responde o X. ["he xaque para os circunstantes, porq' receam o mote do ýogo, os nam mate com fedor, oh xaque quantos fazes fugir..."]**

148v-149. He zombaria, he zizania zonido, - Pergunta que he o pejdo, Responde o Z.

149v. He linitivo, he purga, he lambedor, he ... - Pergunta, que he o pejdo Responde o Alfabetto.

149v.

**Vos que estais nessa ginella
com a cabessa de fora,
quantos peidos tendes dados,
des que nacestes athe agora.**

Finis.

O manuscrito 596 do Arquivo Distrital de Braga, datado de 1741, oferece ao leitor, para além do habitual ramallete poético, feixe de letras ou *fascículo literal*, um novo e não menos literário passatempo, com amplo interesse no âmbito da exegese literária, a compilação e decodificação da simbologia dos elementos naturais ou vegetais, de que se apresentam abaixo apenas alguns exemplos:

ADB 596

[lombada: FACICVL /LITERAL.]

[Proprietário no primeiro fólio, interno] M.el Sýlvestre Ferreyra.

[2]. *Fasciculo literal ornado com uistozas flores colhidas em viridarios discretos: e offerido a hum particular amigo do coadunante anonomasto.* Porto, e Braga. Anno Domini. M.DCC.XXXXI. @

Significações das plantas, flores, e fructas, q' se referem em varios livros.

Aruore	– significa –	Vida humana.
Flores	-----	Esperanças.
Fruitos	-----	Obras.
Ramos	-----	Dezejos.
Folhas	-----	Palavras.
Raizes	-----	Cuidados.
Raiz	-----	Segredos. [...]
Cinamomo	-----	Zelo.
Cedro	-----	Excellencia.
Cypreste	-----	Corrupçam. [...]
Sandalo	-----	Tribulaçoens.
Arruda	-----	Castidade

Outros enigmas, adivinhas ou "ditos judiciosos" surgem reunidos no ms. 517.I do Arquivo Distrital de Braga, intitulado *Colleção de ditos judiciosos, a favor das horas vagas*, de que se extraíram os seguintes a título de exemplo:

Aue Sou, pena não tenho,
 Capa de ovelha me cobre:
 Cortadinha sou mais pobre,
 Numa arvore me detenho.

Avelam (10)

O Clementa q' não tenho,
 Quando o não há comunico;
 Meu nome hé que o explico;
 Ou abra, ou feche o engenho.
 Contra o Estio me empenho;
 Mas no Outono estou mais manso
 Só da Primavera alcanço
 O matiz, a gala, o brio:
 E ainda q' em mi se ache o frio,
 Só pelo Inverno descanso.

Leque (11)

Digão-me qual hé a May,
 Com aquele cazou a Filha:
 A May desta foi varão,
 Pay ninguem. Quem advinha?

Eva (11)

Para finalizar, aludamos a um tipo diferente de texto poético simultaneamente de utilidade doméstica, medicinal, agrícola e alimentar, entre outras: os chamados *fastos*, ou seja, composições nas quais se oferecem conselhos práticos

de conduta e acção para cada mês do ano, como aquela que pode ler-se no ms. 608 do Arquivo Distrital de Braga (247), de que trasladamos a primeira e a última estrofes:

Tratado coriozo pelos Mezes Para a conserbaçam da saude, e pronostico dos nacimentos, e p.^a Agricultura

Janeiro

Sem causa vrgente fuge da sangria,
 Bebe de vinho branco, e dilicado,
 Deixa o falso, nam laves todavia
 A cabeça, vsa sempre o mel rozado:
 Dos pomos goza a qualidade fria,
 E em jejum do pimento o gram pisado:
 De noute nam passees ao sereno,
 Porque para a saude isto he veneno.
 [...]

253

Dezembro

Para conservar a saude
 Come coves, cevolas, e celada
 Aves, pomos, e por sobremeza peras,
 Come capoins, cabritos, que me agrada,
 Raizes, perrexil, uza deveras,
 O nabo, que emterrou cinza apagada,
 Mostra a carne de vaca rosto esquivo;
 Da lua o ultimo dia he nocivo.

De origem clássica, têm noutros manuscritos versões em latim, como acontece, por exemplo, no ms. 277 do Arquivo Distrital de Braga, que apresenta a composição de *incipit* "In Jano claris, calidisq' Cibis potaris", intitulada "Concilia ad salutem per Menses anni", e dedicando a cada mês a habitual estrofe (443-444). Merecem recolha e estudo esses *calendários poéticos*, com informação de almanaque arranjada em verso, não pouco abundantes nos cancioneiros e miscelâneas com poesia barroca.

E já indo mais longo o passatempo do que a noite mais longa, encerremos, se o leitor não tiver ainda adormecido sobre o papel, com a certeza de que muitas mais (in)utilidades encerram os manuscritos barrocos – e em particular os manuscritos barrocos do Arquivo Distrital de Braga – do que sonha a nossa (vã) filologia.

Notas

¹ Este artigo é a versão escrita da palestra efetuada no Salão Nobre da Universidade do Minho a 16 de Novembro de 2012, a convite do Departamento de História, do Arquivo Distrital de Braga e da Biblioteca Pública de Braga, pelo que aproveito para agradecer o repto e a motivação aos respectivos diretores (Doutor António Lázaro, Dr. António Sousa e Dr. Elísio Araújo), e, no caso do Sr. Diretor do Arquivo, ainda a generosa cedência de algumas imagens dos manuscritos, que pude juntar às que já possuía de outras investigações.

² Todos os sublinhados são da responsabilidade da autora deste trabalho, neste e nos restantes textos transcritos, sempre do original manuscrito.

³ Do projecto maior de inventariação do conteúdo dos manuscritos barrocos portugueses, independentemente das bibliotecas e arquivos, nacionais e estrangeiros, em que se encontram, a que me tenho dedicado desde 1997, motivada pela necessidade de pesquisa prévia dos manuscritos com poesia barroca para definição de um tema para a minha dissertação de mestrado em Linguística Românica, Linguística Histórica e Crítica Textual (projecto desenvolvido com Ivo Castro, inscrito no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de 2004 a 2008), e de que resultou uma base de dados de várias centenas de códices com todos os seus textos inventariados na totalidade (aqueles que possuíam alguma poesia de Tomás de Noronha, relevantes para a minha investigação de doutoramento), e outras tantas centenas ainda apenas parcialmente tratadas, encontra-se pronto para publicação o catálogo intitulado *Manuscritos do Minho com Poesia Barroca*, organizado por primeiros versos, títulos ou epígrafes e outras didascálias, e centrando-se nos manuscritos do Arquivo Distrital de Braga, da Paróquia de Alvarães e da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, a publicar pelo Centro de Estudos Humanísticos/Editora Húmus.

⁴ Referiu-me em 2004 Monsenhor António Oliveira, cônego e pároco de Alvarães, que dos livros oferecidos à Paróquia pelo seu proprietário se perdeu o rasto a pelo menos dois.

⁵ Edita-se o testemunho do ms. 359 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra com grafia modernizada (incluindo *p.*^o desenvolvido em *para* e *mi* actualizado para *mim*, como já surge na maioria das fontes, mesmo nas mais antigas), e com as seguintes emendas: *me* em lugar de *vos*, sendo este gralha evidente, no v. 10 ("*me* fez rir a mim e a vós"); *dantes* por *de antes*, no v. 33 (surgindo sempre *dantes* nos demais manuscritos, e *antes* num só testemunho); *perder-se* em vez de *ferir-se* (?) no v. 37, "Quis o costume perder-se" (coincidindo todas as fontes neste verbo); "pois *soía derrubar* um vinte" e não "pois *se hoje derrubo* um vinte" (v. 39), claramente deturpado e só presente na fonte editada, sendo o verso seguinte "já por si não pode erguer-se"; "quem *cuidar* isto podia" por "quem *mudar* isto podia" (v. 58), deturpação fácil de cópia que não acha apoio no sentido geral do texto e na maioria dos testemunhos); "que direito nem avesso" por "que *nem* direito nem avesso", já que a primeira conjunção torna o verso (63) hipermétrico e não figura na maioria das fontes. Eliminou-se ainda um verso excedentário na quadra correspondente aos versos 41-44, que neste manuscrito possui 5 versos, pois se repetiu antes do v. 44 o último da quadra anterior, "Já por si não pode erguer-se" (que, aliás, já tem no texto repetição, com variação ligeira, no v. 46, "Mal por si se pode erguer").

⁶ Vejam-se, por exemplo, *Beiga* (PA 8), *Sajvam, librejo/livro/libro/libraria, belhaco/vilhacos, labrado, lova* (ADB 367).

⁷ Registou-se primeiramente *dezia*.

Referências bibliográficas

Barros, Anabela Leal de (2008), *A poesia de Tomás de Noronha segundo a tradição manuscrita*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Silva (1994), Vítor Manuel de Aguiar e, “Escavações de arqueologia literária. I. Um auto-retrato barroco”, *Diacrítica* 9, Braga: Centro de Estudos Humanísticos, pp. 389-395.

Fontes manuscritas (todas as fontes manuscritas referidas neste trabalho têm as suas siglas desenvolvidas e se acham descritas em Barros, 2008).